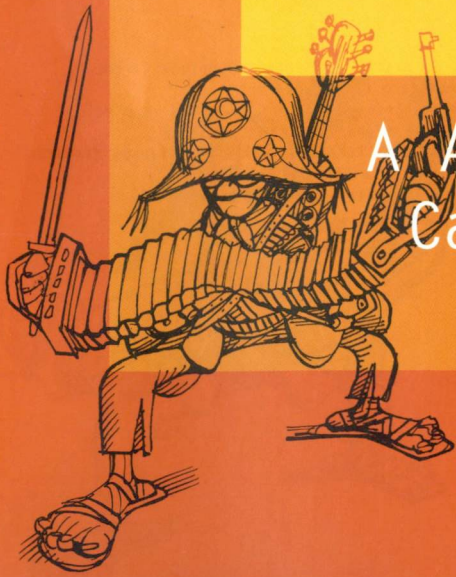


CD 99
[23033]

RG 156



A Arte da Cantoria

Cangaço

Instituto **Itaú**
cultural

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

A CERVO FUNARTE
DA MÚSICA BRASILEIRA

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier



A Arte da Cantoria

Cangaço

Cangaço

A Arte da Cantoria

Por meio da série *A Arte da Cantoria*, o Instituto Nacional do Folclore procura documentar e divulgar os gêneros, estilos, temas e artistas da cantoria nordestina. Aos volumes anteriores - *Literatura de Cordel*, *As Regras da Cantoria* e *Ciclo do Padre Cícero* - vem somar-se agora este disco - *Cangaço*.

O tema do cangaço tem sido destacado como um dos mais freqüentemente tratados por cantadores e poetas. Em algumas classificações temáticas constitui um ciclo, dado o volume de poesias impressas em folhetos que tratam da vida e das façanhas de Lampião, Antônio Silvino e, secundariamente, de outros personagens. Também são numerosos os testemunhos do fascínio que os cangaceiros exerceram, durante e após seu principal período de atividade, sobre os cantadores repentistas.

Este mesmo tema, que tem inspirado uma vasta produção artística nos campos da literatura, música, artes plásticas e cinema, é aqui abordado por poetas e cantadores contemporâneos que estão entre os nomes mais expressivos das tradições da cantoria e da literatura de cordel.

Amália Lucy Geisel
Diretora do INF

CANGAÇO

O cangaço tem sido um dos temas freqüentemente abordados por poetas cordelistas e cantadores. Histórias sobre famosos cangaceiros são cantadas e lidas desde o século passado até os dias de hoje, com enfoques diferentes, ora apresentando-os como bandidos, ora como heróis. As coleções de folhetos de cordel e as classificações temáticas desse material atestam a importância do cangaço na poesia popular do Nordeste.

Os primeiros cangaceiros, bandos armados a serviço de chefes políticos locais ou de famílias poderosas, já existiam no século XVIII e não eram exclusivos do Nordeste. Do fim do século XIX, porém, até a década de 40, surgiram grupos que possuíam maior autonomia de ação, embora estabelecessem

aliança com chefes políticos locais, reforçadas por vínculos de compadrio. Essa forma de cangaço, localizada geograficamente no Polígono das Secas, coincide com o período de empobrecimento geral da população regional. No sertão, cuja economia se caracterizava pela criação de gado e pela lavoura de subsistência, o aumento geral da população fez com que se ocupassem muitas áreas de pastos, com repercussão sobre a qualidade de vida. As lavouras de cana e de algodão, produtos tradicionais da agricultura nordestina, sofriam a concorrência de outros países no mercado externo. A modernização da produção do açúcar, com a criação de engenhos centrais e de usinas, contribuiu para que várias famílias se voltassem para a agricultura de subsistência, diminuindo as oportunidades de trabalho da população sertaneja e reduzindo o mercado que adquiria o produto de suas lavouras. A extinção dos partidos Conservador e Liberal, com o advento da República, transferiu as disputas pelo poder local no Nordeste para o seio dos grandes grupos de parentela. Conflitos por posse de gado e de terra e crimes contra a honra desencadeavam as lutas, que levavam ao banditismo filhos de famílias de fazendeiros afastados do poder ou empobrecidos, arrebanhando seguidores entre aliados e entre aqueles para quem o cangaço constituía uma alternativa de sobrevivência (Pereira de Queiroz, 1982).

Os pioneiros da produção de folhetos de cordel no Brasil - Francisco de Chagas Batista (1882-1930) e Leandro Gomes de Castro (1865-1918) - foram contemporâneos do famoso cangaceiro Antônio Silvino. Seu interesse pelo assunto e sua simpatia por essa figura podem ter sido motivados, em parte, por estarem ligados por laços de parentesco aos Batista, família materna do cangaceiro. Manoel Batista de Moraes (nome de batismo de Antônio Silvino) entrou para o cangaço em consequência da morte de seu pai nas lutas que travavam as famílias Batista, Carvalho e Dantas (Lewin, 1979). Em 1904, portanto dois anos após o aparecimento do primeiro folheto de cordel datado de que se tem notícia, Chagas Batista escrevia *A Vida de Antônio Silvino*, o relato mais antigo sobre esse cangaceiro. A partir de então sua poesia acompanha, jornalisticamente, as façanhas de Silvino, com publicações constantes. O mesmo ocorre com episódios vividos por Lampião, cujos relatos foram interrompidos pela morte do poeta.

Leandro Gomes de Barros também seqüenciou em diversos folhetos a história de Antônio Silvino, mas faleceu antes da entrada de Lampião no cangaço, em 1922.

Os feitos daqueles que se tornariam os mais célebres cangaceiros, portanto, encontraram nos folhetos um poderoso veículo de divulgação.

Antônio Silvino (1874-1944) é geralmente visto pelos poetas como um bom bandido, um cavalheiro que lutava em defesa da honra, um justiceiro. Seu bando era formado por cinco ou seis pessoas, não praticava violência nem roubava para enriquecer. O cangaço era sua sobrevivência e distribuía o produto de seus crimes com os mais necessitados. Capturado em 1914, esteve preso até 1937, quando foi indultado por Getúlio Vargas. Lampião (1898-1938), diversamente, é visto por muitos como facinora, criminoso frio e perverso. Cercado por numerosos bandos, violava códigos de honra do sertão, roubava e matava. Assim como Antônio Silvino, entrou para o cangaço em virtude da disputa entre parentelas que culminaram com a morte de seu pai e desde então lutou em benefício de seu grupo e raramente por melhorias sociais. Na década de 50, quando não se encontram mais bandos de cangaceiros com as características da primeira metade do século, o nacionalismo urbano resgata essa figura e sua ação, convertendo-os em símbolos da resistência heróica dos sertanejos às condições ecológicas e sociais da região. O tema ganha vulto nas artes plásticas, no cinema, teatro, literatura, e passa a ser estudado por cientistas sociais e historiadores. Após a morte de Lampião, em 1938, o cangaço praticamente tem fim, mas o prestígio do cangaceiro aumenta. Os folhetos foram durante muito tempo memorizados pelos cantadores, que os interpretavam diante do seu público, mas essa forma de cantoria perdeu terreno, nas últimas décadas, para a poesia improvisada. O tema do cangaço pode surgir espontaneamente na voz dos repentistas ou nos motes e assuntos que são solicitados a desenvolver. Habitados a atender os pedidos de seus ouvintes, seja nas cantorias ao vivo, seja nas rádios, o tema do cangaço não é estranho aos cantadores. Ao contrário, seus conhecimentos dos fatos históricos confirmam suas declarações de que leram e continuam lendo folhetos e outras publicações que tratam do assunto. Mais uma vez a interação entre tradição oral e tradição literária está presente: lendo os folhetos - ainda que não os memorize mais para cantar -, as crônicas, as biografias, os livros de História, e ao mesmo tempo alimentados pela tradição oral que transmite e reelabora a ação dos cangaceiros, os repentistas preparam-se para os embates poéticos que exigem enorme quantidade de conhecimentos gerais.

Por esses motivos, este disco é dedicado quase que inteiramente à cantoria do improviso, em que o tema do cangaço é apresentado a partir do desenvolvimento de motes criados pelos repentistas e de formas poéticas muito comuns na cantoria. Além das sextilhas, métrica de uso freqüente, aparecem muitas outras modalidades poéticas, como as aqui documentadas.

A *Toada de Brasil caboclo*, única canção deste disco, foi gravada em junho de 1987 no Rio de Janeiro. Composta e cantada por Miguel Bezerra em décimas setissilábicas, usa o mote tradicional "Nesse meu Brasil caboclo/De mãe preta e pai João". Consiste em vasta enumeração de nomes de cangaceiros, recurso empregado em muitos folhetos de cordel.

As três faixas com Ivanildo Vilanova e Severino Ferreira, gravadas em novembro de 1987 no Recife, foram improvisadas. No mote setissilábico "Eu também sou cangaceiro/Minha arma é a viola", os repentistas traçam um paralelo entre cangaceiro e violeiro, mostrando a valentia de ambos. No *Mourão respondido*, há novamente uma analogia entre cangaceiro e cantador - um tem como arma o rifle, o outro, o verso e a toada. O cangaceiro é visto como um bravo, cuja figura se confunde às vezes com a do poeta. As setilhas sobre Jesuino Brilhante trazem um relato biográfico do cangaceiro, apresentado como bravo, forte e leal.

O mote setissilábico "Lampião fez muita gente/Abandonar o sertão", desenvolvido por Sinésio Pereira e Antônio Aleluia em novembro de 1987 em Olinda, retrata um Lampião violento e cruel praticando vandalismo pelo sertão.

Na poesia improvisada, assim como nos folhetos, a ambigüidade bandido/herói é uma das principais características da visão corrente sobre o cangaceiro. Além dos pioneiros Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros, outros poetas continuaram e continuam dando vida ao tema. Apolônio Alves dos Santos, residente no Rio de Janeiro, é um dos poetas vivos que, atualmente, mais produzem folhetos sobre o assunto. A *vida criminosa de Lampião, o rei do cangaço*, de sua autoria, foi cantada por Miguel Bezerra em junho de 1988 no Rio de Janeiro. Dada a extensão da poesia, cuja versão impressa tem dezesseis páginas, fez-se necessária uma redução e para isso tivemos a aquiescência do autor, que escolheu a parte final do folheto e escreveu uma sextilha introdutória especialmente para a gravação.

A seleção do repertório aqui apresentado levou em conta, além do tema, a

variedade de métricas poéticas e toadas usadas pelos repentistas, ampliando o conjunto de exemplos da série *A Arte da Cantoria*

Rosa Maria Barbosa Zamith
Escola de Música da UFRJ

Elizabeth Travassos
Núcleo de Música do INF

Bibliografia

LEWIN, Linda. Oral tradition and elite myth: the legend of Antônio Silvino. In *Brazilian popular culture*. Journal of Latin American Lore, Los Angeles, 5(2): 157-204, 1979

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. História do Cangaço. São Paulo, Global, 1982. (História Popular, Brasil, 11.)

VISÃO MÍTICA DO CANGAÇO NA LITERATURA POPULAR NORDESTINA EM VERSO

O cangaço, que marcou uma conturbada fase histórico-social do Nordeste (aproximadamente de 1870 a 1940), tem sido tema constante na nossa literatura popular em verso, seja na sua expressão escrita (literatura de cordel) ou oral (cantorias de viola).

Sobre esse tema, seguindo as trilhas abertas por Silvío Romero, Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso, Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Leonardo Mota, outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros trouxeram importantes contribuições (Cantel, 1980; Daus, 1982; Almeida, 1983; Melo, 1983; Tavares, 1986).

Sabe-se que as façanhas dos cangaceiros têm inspirado outras formas de manifestações literárias populares, como os "romances tradicionais"¹, quadras e cantigas, sendo uma delas de grande popularidade e de autoria vulgarmente atribuída ao próprio Lampião. Alguns versos dessa cantiga abrem, sugestivamente, o folheto de Antônio Teodoro dos Santos, *Lampião, o Rei do Cangaço* (São

Paulo, Luzeiro, 1959:1), pontilhado de outras toadas que vivem na boca do povo:

.....
Olê mulê rendêra...
Olê mulê rendá...

Tu m'insina fazê renda
Q'eu t'insino a namorá
Chorou por mim num fica
Soluçou vai no borná

Não menos popular, significativo e poético é o mote versado na bela canção "Mulher nova, bonita e carinhosa, /faz o homem gemer sem sentir dor"², em que Maria Bonita é comparada a outras mulheres, símbolos universais de beleza, sedução e prazer, como Helena de Tróia:

A mulata da terra do condor
Conquistava uma fera perigosa!
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

No caso da literatura erudita, alguns de nossos destacados escritores foram buscar no cangaço inspiração e motivos para a construção de suas obras, como se verifica em *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora, que iniciou a chamada Literatura do Norte, e *Cofeteiros* (1935), de José Américo de Almeida. Ainda na ficção nordestina, o tema toma vulto nos romances de José Lins do Rego *Pedra Bonita* (1938), *Os Cangaceiros* (1953), estando presente, também, em *Fogo Morto* (1943). Em *O Auto da Compadecida* (1959), de Ariano Suassuna, e em outras obras literárias brasileiras, o cangaceiro marca presença, tornando-se também o motivo basilar para a construção do personagem Riobaldo no alentado romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

Na literatura de cordel, o universo semiótico do cangaço inspirou uma quantidade de folhetos cujos relatos são de grande significação histórico-cultural. Servindo-nos, basicamente, de uma bibliografia elaborada por Almeida (1983:17-22) e pesquisando em um *corpus* de 6.223 folhetos de cordel³, constatamos a

existência de 260 deles sobre o cangaço, versados por bons e tradicionais vates populares, como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Silvino Pirauá, José Camelo de Melo Rezende, José Pacheco, Antônio Teodoro dos Santos, Manoel Tomás Assis, Manoel Pereira Sobrinho, Rodolfo Coelho Cavalcante, Minelvino Francisco Silva, Manoel D'Almeida Filho, Apolônio Alves dos Santos, Otacílio Batista, José Costa Leite, Joaquim Batista de Sena, Gonçalo F. da Silva.

Os folhetos que formam o ciclo do cangaço podem ser agrupados em duas grandes fases. À primeira pertencem aqueles, contemporâneos dos cangaceiros, que narram seu percurso vital (nascimento, entrada por vingança no cangaço, crimes, violências, perseguições, prisões) e morte. Essas histórias de acentuado referente histórico geralmente possuem narrador autodiegético (Genette, 1972:65-263): por exemplo, com Antônio Silvino ou Lampião como personagem-herói que conta sua própria história. O poeta/autor escuda-se, portanto, nesse recurso estético, eximindo-se do envolvimento mais direto com os relatos de crimes e violências dos cangaceiros, seus contemporâneos. Desta primeira fase, destacamos *A História de Antônio Silvino* - com o retrato de toda a vida de crimes do célebre cangaceiro, desde o seu primeiro crime até a data presente - setembro de 1907; *A História de Antônio Silvino: Novos Crimes*, 1908; *Novas Lutas de Antônio Silvino: Traição, Vingança, Perdão*, 1911; e *O Interrogatório de Antônio Silvino* (s.n.t.), todos de autoria de Francisco das Chagas Batista (FCRB, 1977a); *Antônio Silvino - O Rei dos Cangaceiros*, *Antônio Silvino no Júri - Debate do seu Advogado*, versado por Leandro Gomes de Barros (FCRB, 1976).

Na segunda fase (que abrange os folhetos pós-cangaço) ainda persiste a produção ficcional com referente histórico, se bem que de caráter biográfico, com narrador heterodiegético (Genette, op. cit.), estando este mais livre para recontar/recriar fatos de que se lembra, que leu ou que lhe contaram. A predominância, contudo, é dos folhetos (bem numerosos) que refletem uma visão mítica do cangaceiro. Cria-se, portanto, o cangaceiro/mito como representação de uma realidade social, de fatos e personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição. Cumpre salientar, aqui, o "conjunto de relações que se estabelecem entre a linguagem, o mito e a organização social"

(Valade, 1983:384-400).

É curioso notar que, em alguns folhetos da primeira fase, o mito já começa a delinear-se, como em *História do Cangaceiro Lampião*, contendo a luta do Serrote Preto, o teixamento do corpo de Lampião por um feiticeiro, o pacto de Lampião com o diabo e a luta com o tigre; *O Marco de Lampião; Os Decretos de Lampião* (FCRB, 1977a); [*Exclamações*] de *Antônio Silvino na Cadeia* (FCRB, 1980); *Como Antônio Silvino Fez o Diabo Chorar* (FCRB, 1977) e *A Visão de Antônio Silvino* (1912). Esses relatos estão, contudo, ainda presos ao referencial histórico. O certo é que, morto Jesuíno Brilhante, e preso Antônio Silvino (em 1914), Lampião torna-se seu legítimo sucessor, com grande força mítica, sendo cognominado "O Rei do Cangaço" pelos vates populares. Nos limites de espaço deste encarte, restringir-nos-emos a breves reflexões sobre a visão mítica do cangaço por parte dos poetas de cordel e cantadores. Efetivamente, a atemporalidade e a anespecialidade que garantem a persistência do mito aparecem bem nítidas na penúltima estrofe de um dos "clássicos" do cordel *A Chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco (s.n.t.:8):

Leitores vou terminar
tratando de Lampião
muito embora que não posso
vos dar a resolução
no inferno não ficou
no céu também não chegou
por certo está no sertão.

Salta à vista a impotência do narrador em face da dimensão do mito que, indo além do simples relato, tem significações culturais profundas. Sem dúvida, o Lampião mito, ultrapassando as fronteiras da morte, está bem vivo no universo simbólico da literatura de cordel. Na ambiência legendária e multidimensional dos mitos, com deslocamentos sucessivos, Lampião ora descerá ao inferno, ora subirá ao céu, passando por vezes, pelo purgatório (v. *A Volta de Lampião ao Inferno*, de Manoel d'Almeida. São Paulo, Luzeiro, 1986).

No sugestivo *O Grande Debate de Lampião com São Pedro* (s.n.t.), também de José Pacheco, o cangaceiro não é apenas um bandido, mas possui também os atributos da esperteza e astúcia de um anti-herói (como um João Grilo, Pedro Malasartes, etc.), logrando quem se interpõe no seu caminho, com toques de humor e de aforismo:

Você não entre atrevido
S. Pedro lhe disse assim
ingresso a quem é ruim
nesta porta é proibido
não sabes que sois bandido
roubador da vida humana
alma ferina e tirana
coração cruel perverso!
como queres um ingresso
nesta mansão soberana?

-É certo que fui bandido
perverso, estrompa, voraz,
porém quem foi não é mais
é mesmo que não ter sido
mesmo eu sou garantido
por um provérbio que tenho
escrito sobre um desenho
por pessoas elevadas
o qual diz: águas passadas
não dão voltas a meu engenho (p.6)

O Encontro de Lampião com Adão no Paraíso (São Paulo, Luzeiro, s.d.), de Manoel d'Almeida Filho, é uma adaptação do relato mítico que remete para um tempo original em que é posta em causa a criação do mundo e do homem, associando a agressividade e disputas próprias do bandido à suavidade da criação poética:

Quando Adão pegou um pau
E Lampião a peixeira
Eva nua apareceu
Por detrás da macieira
Só cobrindo os três lugares
Com três folhas de parreira.
(...)
Perguntou fechando os olhos

Como quem pensa num tema:
-Quem é esta coisa fofa,
É artista de cinema?
Ou a luz da poesia,
Que faltava ao meu poema? (p.8-9)

Por outro aspecto, o paradoxo da convivência da religiosidade com o cangaço, nos folhetos de cordel, tem despertado a atenção dos pesquisadores, em busca de uma explicação, notadamente para a aliança entre o perigoso Lampião e o venerado Padre Cícero, dois grandes líderes carismáticos, respectivamente pela força e pela fé. A nosso ver, essa paradoxal junção dos contrários só se poderá compreender dentro de um contexto mítico/simbólico, em que, nas livres associações, as idiossincrasias podem anular-se, convivendo independentemente da fidelidade à verossimilhança com o mundo real e à veracidade do fato histórico.

Note-se, ainda, que a estruturação dos relatos dos folhetos do ciclo do cangaço é assegurada pela duplicação de outros esquemas narrativos existentes no universo do cordel (dos ciclos carolíngio, religioso e do anti-herói, dos modelos *sui generis* do marco e do ABC). Em outro trabalho (Borges, 1987), propusemos dois modelos básicos de estruturação da narrativa dos folhetos sobre anti-heróis como João Grilo e Canção de Fogo (v. também Borges, 1987a e 1987b). Os referidos modelos, com algumas modificações, poderão servir como pontos de referência para a elaboração dos esquemas narrativos básicos das estórias do cangaço, na literatura de cordel, aqui sistematicamente colocados:

Modelo A: Relato do nascimento (com maus presságios), vida (de crimes, roubos, violências), morte trágica do sujeito/herói/cangaceiro (com macrossequência de malfeitos reiterados, lutas com a polícia, conseqüências glorificantes ou deceptivas⁴ para o sujeito/herói, de dupla face, negativa e positiva). Efetivamente, de um lado está o assassino cruel, impiedoso, desumano, desordeiro, o terror do sertão; de outro, o justiceiro, o que mata sobretudo por vingança, o amante, o poeta, o que se alia a Padre Cícero, o protetor dos fracos. Esses atributos positivos já servem de alicerce para a formação do personagem/mito.

Modelo B: Relatos de permanência (não-morte, metafórica) do herói mítico/cangaceiro, geralmente em termos de confronto com seus opositores, alguns deles personagens já consagrados no cordel:

cangaceiro vs diabo;
cangaceiro vs São Pedro (e outros santos);
cangaceiro vs outro cangaceiro;
cangaceiro vs outro personagem (feiticeira, homem e moça zoomorfizados, um valentão, um negro ou negra, Kung Fu).

Geralmente, as conseqüências dos confrontos (luta, debates, etc.) são a favor do cangaceiro. Quando se defrontam dois cangaceiros, normalmente nenhum é vencido e separam-se.

A relação narrador/narratário (com ou sem discurso avaliativo e/ou reflexão metapoética⁵) ocorre, freqüentemente, nos folhetos enquadrados nos dois modelos.

A relação amorosa entre um cangaceiro e uma mulher cangaceira, cujo protótipo é o par Lampião/Maria Bonita, tem sido um *leitmotiv*, principalmente nos folhetos da era pós-cangaço.

Sem fazermos comentários mais detalhados, podemos dizer que esses dois arqui-modelos refletem a estruturação básica dos 260 folhetos examinados e encarados no seu conjunto, relacionados, de uma certa forma, com as duas fases citadas.

Cumpre salientar que há predominância da visão mítica do cangaceiro nas cantorias de viola, embora nelas a figura desse tipo de bandido não tenha a mesma freqüência encontrada em folhetos de cordel.

Ressalte-se, ainda, que a oralidade e a criatividade, o improviso e a empatia do cantador com seu público ouvinte, oriundos, normalmente, da mesma camada social, asseguram a persistência do tema, com adaptações ao momento atual, com relação ao eu/emissor/poeta. Assim é que ao mote "*Eu também sou cangaceiro/Minha arma é a viola*" subjaz o *engagement*, refletindo o compromisso com a crítica social, uma das características básicas do conteúdo do cantar ao som da viola. Vejam-se, também, os versos engajados socialmente que abrem o *Mourão respondido*, cantado com vigor e excelente *performance*. Nessa analogia entre o poeta e o cangaceiro, percebe-se que o poder pela força e a força do canto poético estão a serviço da defesa do povo, historicamente iludido e espoliado.

Enfim, queremos propor como uma das interpretações da visão mítica do cangaço na literatura popular em verso o reflexo da persistência da crença sebastianística no Nordeste, cujo povo sofrido e oprimido tende a acreditar em qualquer utopia, em qualquer herói ou falso herói (santo, profeta, político ou bandido) que, mesmo só no âmbito do imaginário, possa vir a livrá-lo da fome, da miséria, das secas, de outros males que delas advêm e dos desmandos dos poderosos.

Francisca Neuma Fechine Borges
Universidade Federal da Paraíba

Notas

1 *Lampião e Zé Rufino* (Lima, 1977); *Zé do Vale, Cirino*,

Tertuliano (Batista, 1988);

Zé do Vale (Costa, 1974).

2 A canção foi utilizada como música de abertura do seriado *Lampião e Maria Bonita*, na TV Globo.

3 Sendo 4.200 do Programa de Pesquisas em Literatura Popular, da UFPb, 2.000 da nossa coleção particular e 23 da série de antologias da Fundação Casa de Rui Barbosa (1964, 1976, 1977, 1977a, 1980). V. também Almeida e Sobrinho (1978).

4 V. Greimas (1986); Borges (1979).

5 V. Borges (1984).

Bibliografia

ALMEIDA, Átila.

1983 - Cangaceiros e valentões. *Educação e Cultura*, João Pessoa, 3 (10):16-25

ALMEIDA, Átila & ALVES SOBRINHO, José.

1978 - *Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. [1.ed.] João Pessoa, Ed. UFPb, 2v. 2. edição, inédita.

BATISTA, Maria de Fátima B. de M.

1988 - *O romanciero na Paraíba*. Com registros musicais por Maria Alix Nóbrega. Inédito

BORGES, Francisca Neuma Fechine.

- 1979 - *Estruturação e isossemias da História de João de Calais*. João Pessoa, UFPb. Dissertação de mestrado.
- 1984 - A função metapoética na literatura de cordel. *Educação e Cultura*, João Pessoa, (14):32-38.
- 1987 - *A malandragem na literatura de cordel brasileira e portuguesa*: tradição e contemporaneidade. Texto apresentado em Colóquio de Literatura Popular Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 26 a 28 de novembro.
- 1987a - Estória de João de Calais: Oralité et réécriture dans la littérature de colportage. Sep. de *Littérature orale/traditionnelle/populaire*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, p. 385-398.
- 1987b - Estórias do imaginário tradicional na literatura de cordel brasileira. Sep. de *Romanisches Volksbuch*, Salzburg, 7:35-49
- COSTA, F. A. Pereira da.
1974 - *Folk-lore pernambucano*. Recife, Arquivo Público Estadual.
- DAUS, Ronald.
1982 - *O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste*. Tradução de Rachel Teixeira Valença. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (FCRB).
1964 - *Literatura Popular em verso*. Antologia, t.1. Rio de Janeiro
1976 - *Literatura Popular em verso*. Antologia, t.2. Rio de Janeiro, FCRB; Campina Grande, Fundação Universidade Regional do Nordeste.
1977 - *Literatura popular em verso*. Antologia, t.3. Rio de Janeiro, FCRB; João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba.
1977a - *Literatura popular em verso*. Antologia t.4. Rio de Janeiro.
1980 - *Literatura popular em verso*. Antologia t.5. Rio de Janeiro, FCRB; João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba.
- GENETTE, Gérard
1972 - *Figures III*. Paris, Seuil.
- GREIMAS, A. J.
1986 - *Sémantique structurale*. Paris, Larousse.
- LIMA, Jackson da Silva
1977 - *O folclore em Sergipe*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL.
- MELO, Veríssimo de.
1983 - *O ataque de Lampião a Mossoró através da literatura de cordel*.
4. ed. Mossoró, Fundação Guimarães Duque.
- TAVARES, Luiz.
1986 - Literatura de cordel e cangaço. *Revista de Letras*, Fortaleza, 11(2):75-108.
- VALADE, Bernard.
1983 - As mitologias e os ritos. In: *Dicionário de Antropologia*. Direção de André Akoun. Versão portuguesa de Geminiano Cascais Franco. Viseu, Tip. Guerra/Ano Jubilar da Editorial Verbo, p. 384-400.
1. TOADA DE BRASIL CABOCLO
Miguel Bezerra
- Dadá e Chapéu de Couro
Tem Rabicha e Jararaca
Salamanca se destaca
Barra de aço e Besouro
Tem Pai Velho e Dois de Ouro
Valente que só o cão
No cangaço do sertão
Deixando seu povo louco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João
- Cruz Vermelha e Carabina
Volta Seca e Carrapicho
Candieiro foi um bicho
Igualmente a Lamparina
Moita Brava e Agrestina
Caixa de Fósforo e Mourão
Gitirana e azulão
- Uma cabra do grito rouco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João
- Labareda e Limoeiro
Lasca Bamba e Caninana
Português e Zé da Cana
Quarta-feira e Nevoeiro
Cordão de Ouro e Cruzeiro
Patativa e Gavião
Pó Corante e Zé Mamão
Amoroso foi um bronco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João
- Come cru e Tangará
Zé Pancada e Cravo Roxo
Ponto Fino e Vira Coxo
José Sereno e Babá
Zé Pretinho e Sabiá

Jacarê e Trombadão
Zabelê o campeão
De faca, peixeira e soco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João

Guri, Baiana e Cocada
Asa Branca e Bem-te-ví
Canário do Cariri
Âs de Ouro e Trovoada
Mandacaru, Batucada
Sabino foi valentão
Antônio Biluca não
Era meio dorminhoco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João

Deus-te-guie e Demudado
Tibério não tinha medo
Fumaça e Arvoredo
Muito brando e dotado
Elétrico e Pilão Deitado
Pinta Cego sem visão
Veado Manso e Capão
Pontual que dava troco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João

Catingueira e Zé Macário
Sucuri e Mariano
Azul, Barata e Engano
Santa cruz e João Cesário
Gorgulho foi usuário
Esperança e Devoção
O cangaceiro Balão

Matava por trás de toco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João

Pajeú e Cacheado
Cachimbeira e Mulungu
Bom-de-vera sem lundu
Ferrugem desembestado
João Beiçudo e Desastrado
Júlio Presteza e Bicão
Ângelo, Roque e Pavão
Xique-xique foi barroco
Nesse meu Brasil caboclo
De mãe preta e pai João

2. MOTE - "EU TAMBÉM SOU CANGACEIRO/ MINHA ARMA É A VIOLA"

Ivanildo Vilanova e Severino Ferreira

I.V. - Eu acho que a minha arte
Tem muito a ver com o cangaço
Minha viola no braço
Me leva por toda a parte
Não preciso bacamarte
Nem punhal e nem pistola
Porque quando o verso rola
Eu já venço o companheiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola

S.F. - Também ando no sertão
Em Jesus mantendo a fé
Tirando léguas de pé
Quando não vem caminhão

O colega é meu irmão
Que comigo se controla
Não uso roupa de sola
Nem chapéu de bandoleiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola

I.V. - Eu também sou um valente
Cortando o sertão bravio
Sem temer calor nem frio
Nem espinho e nem serpente
E vou levando o repente
Que este não vem da escola
Por sítio e por fazendola
Por várzea e por tabuleiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola

S.F. - Eu também sou do cangaço
Conhecendo o mundo antigo
Pelas palavras que digo
E as cantorias que faço
As vezes que dou um passo
Quando a crise me acrisola
Mas o verso é quem rebola
Meu nome no mundo inteiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola

I.V. - Tenho a mesma inclinação
Do cangaceiro tirano
Até sou pernambucano
Do jeito de Lampião
Também rezo em solidão
E faço festa em cochichola
E mimo a minha criançola

S.F. - Cantando quadrão mineiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola
Eu que sou potiguarino
Enfrento duras campanhas
Conterrâneo dos Saldanhas
Massilon e Jesuino
Desde o tempo de menino
Que o verso foi minha escola
Nunca vivi por esmola
Cantei pra ganhar dinheiro
Eu também sou cangaceiro
A arma é minha viola

I.V. - Também conheço vingança
Enfrento cobra e guariba
Já andei na Paraíba
De Belarmino de França
Não me assombro com lambança
Papo comigo não cola
Se descuido ou meto a sola
Que pra isto eu sou ligeiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola.

S.F. - Enfrentei no Pajeú
A um Lourival Batista
Outro grande repentista
Chamado Manoel Xudu
Louro Branco de Iguatu
Aluno da mesma escola
E minha fama ainda rola
Como a de Hercílio Pinheiro
Eu também sou cangaceiro
A arma é minha viola

- I.V. - Aguento qualquer repuxo
E freqüente qualquer local
Comigo é já no punhal
Torando o couro do bucho
Não tenho medo de gaúcho
Conterrâneo de Brizola
Não me assombro com carola
Que vem lá de Juazeiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola
- S.F. - Quantas noites não bebi
Fiz seresta madrugada
Andando pela estrada
Com um colega saí
Com namoro me iludi
Tomei cana e coca-cola
Com o sol que me acrisola
Já dormi no tabuleiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola
- I.V. - Também sou de emboscada
No meu sertão causticante
E não temo nem volante
Nem piquete e nem cilada
Me acordo de madrugada
Ouvindo o pássaro que rola
A balã eu faço de bola
Para brincar de goleiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola
- S.F. - Já passei noite de sono
Farrando e bebendo cana
Todo final de semana
- I.V. - Sou da carne de jabá
E da coivara e da estaca
Da cerca e da jararaca
Do mocó e do preá
Meu rádio é o sabiá
E a patativa de gola
Nunca gostei de gaiola
Nem chave de carcereiro
Eu também sou cangaceiro
E minha arma é a viola
- S.F. - Sou do sertão causticante
A terra que faz calor
Aonde o agricultor
Enfrenta a terra escaldante
Que trabalha na vazante
Enxada na terra rola
Que pela lama se atola
E bebe água de barreiro
Eu também sou cangaceiro
Minha arma é a viola
- I.V. - Cantador e Cangaceiro
Têm certa afinidade

3. MOURÃO RESPONDIDO

Ivanildo Vilanova e Severino Ferreira

- S.F. - Do Nordeste brasileiro
Trazendo esta identidade
- I.V. - Vivem longe da cidade
Andam mais pelo sertão
- S.F. - É um de rifle na mão
Outro de verso e toada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- S.F. - Mais de um poeta escreveu
A história do cangaço
- I.V. - Que o cangaceiro viveu
Sempre de arma no braço
- S.F. - O homem que deu passo
Pra uma libertação
- I.V. - Jesuíno ou Lampião
Filho de Serra Talhada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- I.V. - É bom cantador que canta
Do cangaceiro a bravura
- S.F. - Na voz de sua garganta
Mostra dele a estrutura
- I.V. - O queijo e a rapadura
Da sua alimentação
- S.F. - Rifle seguro na mão
E faca de ponta afiada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- S.F. - O poeta também é
Cangaceiro de viagem
- I.V. - Que quase sempre anda a pé
Sem bilhete e sem passagem
- S.F. - Possui a mesma coragem
Precisando é valentão
- I.V. - Cabeça exposta ao verão
Escutando a passarada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- I.V. - Cangaceiro também tem
Uma verve de poeta
- S.F. - Se inspira com o vem-vem
O pássaro que se projeta
- I.V. - Gosta muito de direta
E atende muito refrão
- S.F. - Beber cana com limão
Contar história e piada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- S.F. - O padre de Juazeiro
Do cangaceiro gostou
- I.V. - Tanto que condecorou
Lampião, o cangaceiro
- S.F. - Lhe obrigou ser romeiro
Pôr joelhos sobre o chão
- I.V. - Enfrentar revolução
De uma Coluna afamada
- I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão
- I.V. - Cangaceiro sempre quis
Ser o líder do seu povo
- S.F. - No Nordeste do país
Começando desde novo
- I.V. - Eu quase sempre promovo
Seu nome em minha canção
- S.F. - Não o tenho como ladrão

I.V. - Gente desprestigiada
A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão

S.F. - É lindo ser destemido
Para viver do cangaço

I.V. - Embora viva escondido
E sujeito a cair no laço

S.F. - No canto que dá um passo
Tem respeito e tradição

I.V. - Alpargata e mosquetão
Chapéu de aba virada

I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão

I.V. - Quando Lampião morreu
O cangaço diminuiu

S.F. - Nunca mais apareceu
E outro Lampião surgiu

I.V. - O sertão evoluiu
Ganhando nova visão

S.F. - Acabou-se do sertão
A pessoa encorajada

I.V. - A resposta foi bem dada
e S.F. Foi respondido o mourão

4. MOTE - "LAMPIÃO FEZ MUITA GENTE/ ABANDONAR O SERTÃO"

Sinésio Pereira e Antônio Aleluia

S.P. - Lampião, o rei do cangaço
Foi o maior mal assombro
Com o seu rifle no ombro
Caminhando passo a passo
Fez gente morrer no laço

Outro fugir no gangão
Deixar sua região
Sem pai, sem mãe, sem parente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

A.A. - Dali de Serra Talhada
De Custódia pra Bom Nome
Fez gente passar fome
Deixar casa abandonada
Ter fazenda desprezada
Não via nenhum cristão
Que arrumava o matulão
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

S.P. - Os que não eram coiteiros
De seu bando falava
Ele agarrava e matava
Com os outros cangaceiros
Os pobre dos fazendeiro
Deixaram terra de mão
Temendo a perseguição
E daquele povo insolente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

A.A. - Prata e Boi, Velho e Teixeira
E o Algodão do Manso
Vivia sem ter descanso
Com aquela cabroeira
Perturbando a vida inteira
Que a vila de Algodão
Vivia em confusão
Com os cangaceiros de frente
Lampião fez muita gente

S.P. - Abandonar o sertão
Horível pernambucano
De cidade em cidade
Fazia barbaridade
Até com paraibano
Entrou no solo baiano
E fez bastante confusão
Foi pior que furacão
Neste Nordeste da gente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

A.A. - No município Pombal
Incendiava fazenda
Era uma coisa horrenda
Com aquele pessoal
Saltou daquele local
Pra Cajazeiras então
E o Padre Cícero Romão
Repeliu ele de frente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

S.P. - Certa vez apareceu
Na cidade de Mossoró
Lá sofreu de fazer dó
Que um bandido perdeu
No tiroteio correu
Que deixou arma no chão
Mas fora daquela torrão
A coisa foi diferente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

A.A. - Dizem que Franco Rabelo
Perseguiu ele demais

Mas igual a um satanás
Se sumiu sem ter apelo
E seguindo sem ter zelo
Foi lá para a região
De um padre capelão
No Juazeiro bem quente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

S.P. - Fez o papel de bandido
Alguém que não lhe apoiou
Sem o seu gado ficou
Deixou terreno perdido
E ele foi protegido
Do Padre Cícero Romão
Quando lhe fez capitão
Lhe deu esta patente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

A.A. - Lá na vila dos Milagres
Abaiara e Gameleira
Lá na serra do Teixeira
Ele ali com seus consagres
Fez alguém beber vinagres
Quase por obrigação
E se dissesse que não
Morria ligeiramente
Lampião fez muita gente
Abandonar o sertão

5. SETILHAS

Ivanildo Vilanova e Severino Ferreira

S.F. - Foi Jesuíno Brilhante
Cangaceiro bravo e forte

- Foi lembrado enquanto vivo
Falado depois da morte
Enfrentou tragédia e drama
Porém espalhou a fama
No Rio Grande do Norte
- I.V. - Não matava por esporte
Foi corajoso e leal
E fez da casa de pedra
Seu reduto natural
Enfrentando contratempo
E preso durante algum tempo
Na cadeia de Pombal
- S.F. - Distante do litoral
Ele quebrou o tabu
Valente igual a leão
Forte igual a cangaçu
Não matou ninguém a fome
Porém deixou fama e nome
No arredor de Patu
- I.V. - Enfrentando cumaru
Quebrada e concavidade
Escapando de algum cerco
Da família da cidade
Fez da luta profissão
E com a família Limão
A primeira inimidade
- S.F. - Desde sua mocidade
Que ele foi um perigo
Respeitado na fazenda
Onde era seu abrigo
Enfrentou dura campanha
E teve Joaquim Saldanha
- Também como inimigo
I.V. - Oeste foi seu abrigo
E o lugar que ele vivia
De Martins a Porto Alegre
Toda aquela cercania
O fenômeno principal
De coragem pessoal
E uma exímia pontaria
- S.F. - Lá da velha Alexandria
Que é nos confins do estado
De Pau dos Ferro a Martins
Como você está lembrado
O filho potiguarino
De nome de Jesuíno
Sempre era respeitado
- I.V. - Pelo povo idolatrado
Inimigo dos corruptos
Não gostava de covarde
Mesmo por cinco minutos
Detestava vagabundo
E Pau dos Ferro e Viramundo
Também foram seus redutos
- S.F. - Não vejo substitutos
Que hoje seja atuante
Que tenha aquela coragem
Nem a força extravagante
Por sítio, vila e cidade
Ninguém terá a metade
Da coragem do Brilhante
- I.V. - Na bravura semelhante
A nosso Antônio Silvino
Foi o nome mais famoso
Do solo potiguarino

- Que todo mundo temia
João Dias e Alexandria
Recantos de Jesuíno
- S.F. - Não temia Virgulino
Que era da mesma carreira
A sua casa de pedra
Que guardava cartucheira
Ficava de noite e de dia
Um capanga de vigia
Perto aos mourões da
porteira
- I.V. - Às vezes em uma feira
Em um final de semana
As festas não freqüentava
Nem mesmo pra beber cana
Se alimentava das frutas
E residia nas grutas
Como uma sussuarana
- S.F. - Era uma fera tiran
No papel de cangaceiro
Que quem quisesse falar
Com aquele companheiro
Pois ao se aproximar
Para com ele falar
Dizia o nome primeiro
- Para meus caros leitores
Vou dar uma descrição
Contando as grandes façanhas
Do famoso Lampião
O que ele praticou
Pelas zonas do sertão.
- Pois este roteiro vem
coroar o meu poema
Já escrevi vários livros
relativo este dilema
e outros mais escreveram
mas não se esgotou o tema.
- Um dia ele perdeu
seu bandido Jararaca
que seu corpo era um torpedo
e seu braço era uma estaca
emburacava na luta
que fosse de bala ou faca.
- O Colchete também era
outro bandido horrórico
amigo de Jararaca
por ser também corajoso
um sempre ajudava o outro
no momento perigoso.
- Num ataque em Mossoró
Colchete foi baleado
Jararaca indo salvá-lo
fora também alvejado
como não pôde correr
foi logo aprisionado.

6. A VIDA CRIMINOSA DE LAMPIÃO O REI DO CANGAÇO

(Trecho de folheto)

Autor *Apolônio Alves dos Santos*
Intérprete *Miguel Bezerra*

Logo pra cadeia foi
Jararaca conduzido
pois não pôde reagir
porque estava ferido
um médico veio tratá-lo
Ele ali mesmo detido.

Sendo restabelecido
Jararaca um certo dia
encontrou facilidade
um descuido do vigia
pulou o muro do cárcere
e fugiu da enxovia

A polícia sem demora
embalou na sua pista
n'uma forte diligência
no encalço do punquista
o bandido Jararaca
foi infeliz na conquista.

Não pôde ir muito longe
porque foi logo alcançado
num apertado de serra
foi o bandido agarrado
só entregou-se à prisão
por se achar desarmado.

O chefe da tropa disse
seu condenado fujão
você devia ter sido
fuzilado na prisão
a sua cadeia agora
vai ser debaixo do chão.

Dali logo o conduziram
pra dentro do cemitério
lhe deram uma ferramenta
nesse momento funéreo
disseram cave uma cova
depressa que o ato é sério.

Jararaca respondeu
não vou me acovardar
tenho a plena certeza
que vocês vão me matar
cave se quiserem ou mandem
a mãe de vocês cavar.

O tenente disse a ele
cave a cova seu imundo
Jararaca respondeu
cave você vagabundo
você vai matar o homem
mais valente deste mundo.

Eu que sou um cangaceiro
portanto não quero dar
prazer a nenhum "macaco"
sair a se pabular
que a minha sepultura
me obrigou a cavar.

- O meu corpo pode ser
comido por urubus
ou devorado na terra
por moscas e tapurus
eu só imploro no céu
perdão do Santo Jesus.

- Pois hoje tenho certeza
que já chegou o meu dia
se eu moresse lutando
teria mais alegria
morro mas não me sujeito
a tamanha covardia.

Mas não findou a palavra
porque ali um soldado
já estava para ele
com o fuzil apontado
disparou-lhe na cabeça
ele caiu emborcado.

Foi assim que liquidou-se
o valente Jararaca
ali o chefe da tropa
sacou uma grande faca
cortou a sua cabeça
e enfiou numa estaca.

Os governos dos Estados
fizeram reunião
ofereceram um prêmio
como gratificação
a quem trouxesse a cabeça
do famoso Lampião.

O tenente João Bezerra
da polícia alagoana
foi logo designado
nessa tarefa tirana
para trazer a cabeça
daquela tal fera humana.

Foi no dia 27
de julho de 38
que o tenente Bezerra
por ser valente e afoito
às quatro da madrugada
atacou o grande coito.

Estavam todos dormindo
naquela gruta esquisita
Lampião nos braços de
sua Maria Bonita
morreram ali abraçados
naquela hora maldita.

Foi uma hora de fogo
que os montes estremeceram
os cabras mais vigilantes
sem perder tempo correram
e Lampião com mais dez
dos cangaceiros morreram.

FICHA TÉCNICA

Gravações realizadas em Olinda e no Recife, em novembro de 1987;
no Rio de Janeiro, em maio e junho de 1988

Pesquisa e edição *Rosa Maria Barbosa Zamith (Escola de Música da UFRJ)*
e Elizabeth Travassos (Núcleo de Música do INF)

Montagem *Antônio Barbosa (Sonoviso)*

Produção *Instituto Nacional do Folclore 1989*

ATRAÇÃO FONOGRAFICA

Direção Artística *Wilson Souto Junior*

Gerente de Produto *Edson Natale*

Masterização *Cia de Áudio*

Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*

Arte Final *Luiz Cordeiro*

Charge *Luiz Gê*

Escreva para Atracção Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito
do nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
INTERNET: www.atracaao.com.br / E-MAIL: atracao@atracao.com.br

ESTE CD FOI PRODUZIDO A PARTIR DE MATRIZES ORIGINAIS EM VINIL. PARA QUE FOSSE
POSSIVEL O RELANÇAMENTO EM CD HOVE UM MINUCIOSO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO E DE
REMASTERIZAÇÃO DIGITAL QUE SÓ FOI POSSIVEL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE AUDIO.
EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DE SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS
TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

O Instituto Cultural Itaú escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar a partir deste ano uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abarcando diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica ou contemporânea. É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

Nos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Instituto Cultural Itaú, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

- | | | | | | |
|----|--|------|----|---|------|
| 01 | Toada de Brasil caboclo | 4:26 | 04 | Mote - Lampião fez muita gente/
Abandonar o sertão | 5:39 |
| | 67112625 | | | 67112790 | |
| | (Miguel Bezerra) D.R. | | | (Sinésio Pereira/Antonio Aleluia) D.R. | |
| 02 | Mote - Eu também sou cangaceiro/
Minha arma é a viola | 7:50 | 05 | Setilhas | 5:45 |
| | 67112633 | | | 67112870 | |
| | (Ivanildo Vilanova/Severino Ferreira) D.R. | | | (Ivanildo Vilanova/Severino Ferreira) D.R. | |
| 03 | Mourão respondido | 6:40 | 06 | A vida criminoso de Lampião,
o rei do cangaço | 7:53 |
| | 67112714 | | | 67112951 | |
| | (Ivanildo Vilanova/Severino Ferreira) D.R. | | | Miguel Bezerra | |
| | | | | (Apolônio Alves dos Santos) D.R. | |

Instituto **Itaú**
cultural



(011) 813-6944

MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Fabricado pela Microservice - Microfilagens e
Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC:
34.525.444/0001-62 - Manaus - sob encomenda da
Atração Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.046/0001-60

